

## A VITÓRIA DO ABSTRATO SOBRE OS INDIVÍDUOS A ANÁLISE DE KIERKEGAARD DA ERA DA REFLEXÃO EM "UMA RECENSÃO LITERÁRIA" OU KIERKEGAARD E A TRADIÇÃO DE "FILOSOFIA DE VIDA" DINAMARQUESA

*Eberhard Harbsmeier\**  
*Karl Erik Schollhammer\*\**

### 1. O CONCRETO E O ABSTRATO EM KIERKEGAARD

A relação entre concretização e abstração é um problema central na obra de Kierkegaard. Pode-se até entender a indagação sobre o "concreto" ou "realidade", e a "vida", na forma pela qual ela foi expressa quando de sua primeira visita a Berlim, como a questão fundamental para o pensamento de Kierkegaard. Naquela ocasião, ele ouviu Schelling falar sobre a realidade - e decepcionou-se. Toda a polêmica de Kierkegaard contra uma forma dogmática de pensamento sistemático pode ser resumida no seguinte argumento: o pensamento, embora "correto", é abstrato e especulativo e portanto não tem relevância. "O que é a realidade não pode ser resumido na linguagem da abstração". (SV 10,21)<sup>1</sup>. Trata-se do "pensamento concreto", ao contrário do pensamento abstrato, "puro" (SV 10,30).

Vejo em Kierkegaard basicamente quatro linhas de pensamento, dificilmente conciliáveis, e a partir daí desenvolveremos a contestação do pensamento abstrato, tido por ele como equivocado:

1. Pensamento abstrato significa "esquecer a existência", porque o pensamento é impessoal. Neste sentido o pensamento concreto passa a ser mais que o pensamento abstrato, uma vez que o pensador "concreto" reflete sobre aquilo que o pensador "puro" esqueceu.

2. Pensamento abstrato significa intelectualismo, uma vez que, ao privilegiar o pensamento, deixa-se de considerar a imaginação e os sentimentos. Pensamento abstrato não possui experiência. Pensamento concreto seria então um pensamento que já conhece seus limites e dependências, um pensamento que se relativiza, como mais uma de muitas outras formas de expressão da vida.

---

\* Professor do Instituto de Teologia da Universidade de Copenhague.

\*\* Traduzido pelo professor Karl Erik SCHOLLHAMMER do Departamento de Letras da PUC - RJ.

1. (SV = Soren Kierkegaard, *Samlede Vaerker* <sup>2</sup>, 1-20, 1964ff.; Pap. = Soren Kierkegaards Papirer<sup>2</sup>, I-XVI, 1968ff.)

3. Pensamento abstrato paralisa a ação; falta nele a ingenuidade necessária à ação ética. Neste sentido, o pensamento concreto é visto como um pensamento ativo, que leva à ação.

4. Pensamento abstrato é reducionista, devido à sua natureza, por não enxergar o "inconcebível" da realidade. Aqui, Kierkegaard joga "vida" e "realidade" contra "lógica" e "pensamento". O pensamento concreto deveria então ser entendido como um pensamento que também consegue perceber o impensável (conforme o comentário irônico de Kierkegaard sobre a filosofia nacional dinamarquesa, que começa com a seguinte frase: "há muitas coisas entre o céu e a terra, que filósofo nenhum soube explicar").

Obviamente, pode-se, do ponto de vista hegeliano, questionar se Kierkegaard, com sua crítica à abstração, não repetiria apenas preconceitos banais contra qualquer tipo de pensamento, tornando suspeita a intelectualidade para invocar a "vida" e a sua irracionalidade. Num pequeno texto, "Wer denkt abstrakt?", (Quem pensa abstrato?, Werke 2, 575ff.), o próprio Hegel inverteu a questão e afirma que é justamente o pensamento aparentemente abstrato que é concreto, porque leva em consideração a totalidade e o contexto, enquanto o pensamento aparentemente concreto é abstrato, porque isola pontos de vista separados. A concretização resulta, na prática, frequentemente numa simplificação - e é justamente isto o que constitui abstração.

Hegel descreve aqui uma execução. Um assassino é levado ao cadafalso. O povo pensa: é um assassino e está tendo o castigo que merece. As pessoas cultas, ao contrário, pensam: é um belo homem, é uma pena que vá morrer. Talvez seu crime seja devido a uma educação deficiente etc.

E Hegel pergunta - quem está pensando concreto e quem está pensando abstrato neste caso? E responde: é o povo que está pensando abstrato, pois só consegue ver neste homem um assassino. Mas, em contrapartida, as pessoas cultas estão pensando concreto, pois levam em consideração o contexto, não vendo o acontecimento como um fato isolado.

A questão sobre o que é um pensamento concreto é na verdade uma questão abstrata e difícil, o que pode ser percebido pelo fato de ser por sua vez acusado de pensar abstrato aquele que denuncia, nos outros, a abstração do pensamento. Isto facilmente se comprova na relação Hegel/Kierkegaard, pois seria muito simples, do ponto de vista hegeliano, acusar Kierkegaard de pensamento abstrato e em contrapartida enfatizar justamente o concreto como uma das virtudes mais nobres de Hegel. Por isto pretendo abordar esta questão sob uma óptica menos polêmica, partindo, primeiro, da análise de Kierkegaard de "*A Era da Reflexão*", em que ele analisa a abstração, não em polêmica contra um outro pensador, mas como uma condição de época, e, em seguida, apontando a inspiração da "*filosofia de vida*" dinamarquesa, que se encontra na base do pensamento concreto de Kierkegaard, e das análises existenciais. Como ponto inicial, pretendo, para não efetuar uma pura exegese

de Kierkegaard, desenvolver algumas reflexões sobre as noções de abstrato e concreto na homilética mais recente, pois exatamente a tendência à abstração e a falta de concretismo na era da reflexão, como diagnosticada por Kierkegaard, são significativas para a atual problemática homilética.

## 2. O CONCRETO E O ABSTRATO NA HOMILÉTICA

A análise de Kierkegaard da era da reflexão em "*Uma Recensão Literária*" desemboca em uma dupla tese. Para ele esta era significa: (1) perda de autoridade e (2) perda de realidade. Estes dois aspectos constituem um problema central dentro da homilética moderna, aliás, dentro da teologia prática em geral, e não há dúvida de que os dois aspectos são interligados e interdependentes. Isto é válido tanto para a minha própria área, a homilética - o ensino da prática do sermão - quanto para a filosofia.

Nos últimos anos, a homilética se caracteriza pela busca do concreto, tanto de forma explícita, quanto de forma implícita. Trata-se de proteger-se contra a fantasmagoria religiosa, uma doença que às vezes é considerada como tipicamente dinamarquesa.

Esta procura do concreto assume formas e motivos bastante variados:

- a. O concreto é o *profano*. (Bonhoeffer, o grupo dinamarquês "Tidehverv": "de ser a terra fiel", e.o.) O *além* é considerado metafísico e, conseqüentemente, abstrato e não conciliável com a noção cristã da reencarnação.
- b. O concreto é o *ético*. O dogmático é interpretado como *escapismo* (*teologia liberal*, cuja tese determina a prática como concreta e o pensamento como abstrato).
- c. O concreto é o *político*. O particular e individual é considerado *escapismo* e abstração (*teologia política*).
- d. O concreto é a *narração*, contra a hostilidade à vida e a falta de imaginação que caracterizam as regras e as normas abstratas (*teologia narrativa*).
- e. O concreto é o *pessoal*, o engajado, o passional, o "objetivo" é o abstrato (formas antigas e novas de homilética pietista, que enfatizam o pregador e entendem o sermão como destinação concreta da enunciação ao invés do enunciado abstrato, que fala "sobre" o assunto.)

Todas estas teses são, por um lado, corretas e importantes, mas, olhadas mais de perto, mostram-se, por outro lado, erradas, porque fornecem alternativas simplificadoras.

Naturalmente, o profano, a ética, a política, a narração, o engajamento,

podem, da mesma maneira que seus contrários, expressar uma forma de escapismo e existem muitos exemplos de uma exagerada pseudo-concretização nos sermões modernos, flagrando-se os padres fugindo da causa e da sua própria identidade. Não existe nenhuma receita padrão quando se trata de falar "concreto". E os conceitos aqui mencionados não são suficientes para definir o conceito de "concreto". Não é dado que a prática seja concreta e a teoria abstrata e, além do mais, também pode-se questionar se é possível, sem mais nem menos, identificar a "concretização" com a "realidade". É verdade que Kierkegaard às vezes utiliza a expressão problemática "a vida real", mas é duvidoso o sentido, o que quer dizer com isto. A "vida interior" é menos real do que a "exterior"? Kierkegaard lembra, ele próprio, que concretização não é a mesma coisa que a "exterioridade".

O teólogo alemão E. Jungel articulou certa vez, em acirrada polêmica forte com a "pseudo-concretização" da teóloga de libertação, D. Solle, que a linguagem concreta é aquela que "trifft und zutrifft" ("atinge e é verdadeiro"), uma formulação que certamente já de antemão exclui uma tentativa de identificar a verdade teórica como abstrata e a verdade prática como concreta. Além do mais, pode-se simplesmente perguntar se a abstração, *eo ipso*, é algo deplorável, ou se existe também uma forma legítima da abstração.

### 3. A DIALÉTICA DA CONCRETIZAÇÃO E DA MENSAGEM

A formulação de Jungel indica que a questão abstrato-concreto não é uma questão do conteúdo do enunciado, mas sim uma questão relativa à maneira pela qual este enunciado é comunicado ou, dito de uma forma mais Kierkegaardiana, é uma questão do "como" e não do "o que" do enunciado (SV 14, 71 "Tidsalderens Hvorledes"). Falar abstratamente significa então, para Kierkegaard, não considerar a dialética da mensagem, ou, de forma mais simples: pensar abstratamente é querer entender uma frase sem que o contexto situacional seja levado em consideração. Compreensão concreta é compreensão contextual. Falar concretamente pressupõe tato e sensibilidade em relação à situação, uma sensibilidade que, por exemplo, o teólogo suíço, K. Barth, observava faltar a seus colegas alemães que, segundo ele, possuem uma habilidade surpreendente para falar as coisas certas no momento errado. Isto é falar abstratamente. Por isto Kierkegaard reflete sobre a mensagem e proclama, de maneira um tanto didática, uma teoria de comunicação (Pap. VIII/2 B 79-89)<sup>2</sup>, que originalmente se destinava a palestras no colégio de pastores. Esta Teoria sobre a mensagem indireta apresenta, no entanto, certas contradições. Do meu ponto de vista, ela contém quatro motivações para a mensagem indireta, abordando a questão a partir dos diversos componentes da comunicação:

1. Receptor. A mensagem indireta é motivada pela situação histórica. A

---

2. Cf. Nota 1

superficialidade da época e a falta de espiritualidade exigem esta forma em especial para enganar as pessoas e induzi-las a se entregarem ao cristianismo.

2. A mensagem. A mensagem indireta é motivada de maneira socrática em função da natureza da comunicação: verdades da existência e da fé não podem ser diretamente comunicadas, por se tratar aí de um poder-fazer e não de um saber.

3. O destinador. A mensagem indireta também pode ser compreendida a partir da própria pessoa e filosofia de Kierkegaard, que ocultaria a sua pessoa para dirigir a atenção à causa em si. Ou ainda: a mensagem indireta é necessária porque Kierkegaard não foi ordenado padre e, por isso, não pode falar com a autoridade de um padre.

4. O conteúdo. A mensagem indireta também pode ser motivada pelo próprio conteúdo da pregação. A interpretação da palavra sagrada, que expressa uma relação divina, lida com o oculto, que não pode ser transmitido diretamente.

Em nosso contexto o primeiro ponto é mais importante: a análise de época é condição de uma pregação concreta, apelativa e contundente. Kierkegaard discute, nas suas palestras sobre a teoria da comunicação, dois fatores que caracterizam a era da reflexão:

1. Falta de ingenuidade. A ingenuidade não é para Kierkegaard uma prova de imaturidade, pois uma certa porção de ingenuidade faz parte de qualquer existência humana saudável e honesta.

2. Falta de primitivismo. O homem tornou-se um estranho para si mesmo, para as próprias tradições; a época sofre de "falta de vitaminas" e de falta de "primitivismo verde" (Pap. VIII/2 s. 179).

Do ponto de vista homilético, a teoria de Kierkegaard representa um avanço que só tem sido retomado pela pesquisa homilética dos últimos anos: Kierkegaard não considera a comunicação homilética sob a perspectiva de "como fazer um sermão" nem, de maneira mais geral, "como articular uma mensagem". Ele a considera, ao contrário, como a questão: de que maneira eu ouço e entendo um sermão ou uma mensagem? E um dos seus argumentos é que ouvir um sermão ou um discurso é um processo muito mais criativo do que fazê-lo ou escrevê-lo. Não foi, então, por acaso que Kierkegaard escolheu a palavra escrita como sua forma predileta de comunicação. Não foi apenas por razões biográficas, mas, provavelmente, pelo fato de a palavra escrita, num discurso edificante, abrir mais espaço para a compreensão criativa, enquanto a palavra viva, como meio de comunicação, deixa pouco espaço para a compreensão criativa e exige uma compreensão puramente receptiva que, segundo os teóricos modernos da comunicação, serve melhor para confirmar o ponto de vista das pessoas do que para provocar mudanças de

atitudes ou opiniões. A palavra viva, sob esta perspectiva, não parece tão viva assim.

A concretização, neste contexto, significa então incluir a dialética da mensagem e o seu ouvinte. Não é o conteúdo de um discurso, mas a situação deste que, sendo "inverdadeira", pode torná-lo abstrato.

#### **4. A TRADIÇÃO DINAMARQUESA DE "FILOSOFIA DE VIDA". P.M. MOLLER E FR. CHR. SIBBERN.**

Ao exigir proximidade de vida e concretização e ao querer acabar com o pensamento sistemático, abstrato e especulativo, Kierkegaard manifesta a sua dívida para com uma tradição de "filosofia de vida" que se iniciou nos tempos de Holberg e foi transmitida a Kierkegaard através dos seus professores P.M. Moller e Fr. Chr. Sibbern. A tradição filosófica dinamarquesa caracterizou-se pela preocupação com assuntos práticos e ligados à vida, tendo sempre expressado uma saudável desconfiança diante de filosofias especulativas e alheias à vida, como, por exemplo, a filosofia alemã. As idéias de Sibbern sobre a "ação própria e criativa" e sobre o ensino como "incitamento" inspiraram a Kierkegaard a teoria da "mensagem indireta". Tanto Sibbern quanto Moller tinham, antes de Kierkegaard, criticado Hegel, vendo nele um "intelectualista" que não considerava o individual e o plural. Criticavam Hegel por faltar-lhe o que Sibbern procurava através de expressões como "a plenitude da vida", "a dialética da vida" e "o concreto". Há, principalmente na primeira obra de Kierkegaard, temas e conceitos centrais herdados de seus dois professores, porém o mais importante não é o parentesco terminológico, mas o fato de Kierkegaard, ao clamar pelo pensamento concreto e ao deter-se nos assuntos éticos, pessoais e psicológicos, dar continuidade, em seu raciocínio, às intenções dos seus professores. No próprio conceito de "existência", bem como na teoria da "mensagem indireta", podemos encontrar a presença de Sibbern. E principalmente a crítica Kierkegaardiana da "era da reflexão" em "*Uma Recensão Literária*" continua a linha de pensamento tanto de Sibbern quanto de Moller. Os dois já tinham, de forma literária e filosófica, trabalhado com os efeitos destrutivos da "doença da reflexão", e encontrado na "era da reflexão" um niilismo ameaçador. Assim a filosofia existencial de Kierkegaard foi preparada pelo contexto literário e filosófico dinamarquês dentro do qual Kierkegaard formou-se e que expressava uma desconfiança "saudável" contra o pensamento especulativo e alheio à vida, buscando uma forma de pensar e falar concreta e sempre ligada à vida.

#### **5. A ABSTRAÇÃO E O NIVELAMENTO EM "UMA RECENSÃO LITERÁRIA".**

A análise de época de Kierkegaard em "*Uma Recensão Literária*" é interessante neste contexto porque Kierkegaard vê ali a abstração não somente como um equívoco filosófico ou ético, que ele destacava na polêmica

contra o pensamento sistemático hegeliano ou contra o escapismo romântico, mas como uma espécie de condição vital que caracteriza o nosso tempo e sobre a qual o indivíduo em si não tem controle.

"*Uma Recensão Literária*" é uma crítica do romance de Thomasine Gyllembourg "*Duas Épocas*", que descreve a revolução e a atualidade, porém não no mundo lá fora, mas no "reflexo" dos acontecimentos "no doméstico", como diz Kierkegaard de maneira contundente. O livro é marcado por um ambiente basicamente conservador, mas a revolução é, mesmo assim, considerada de maneira surpreendentemente positiva: embora talvez fosse amoral romper com todas as normas, era pelo menos uma época apaixonada, ao contrário da atualidade, quando o nivelamento transforma tudo em indiferença.

A obra é dividida em duas partes. A primeira se desenvolve durante a Revolução Francesa, no fim do século dezoito, e trata de um jovem revolucionário francês, que mantém um relacionamento com uma jovem dinamarquesa. A segunda parte acontece no ano de 1844, e aqui o filho do casal é o protagonista. Em torno dele a escritora faz uma comparação crítica das duas épocas, a época da revolução e a época da sensatez. É nesta última época, que Kierkegaard denomina a "era da reflexão", que tudo é dissolvido pela reflexão e pela sensatez - de forma muito mais violenta do que a revolução fora capaz de suportar. A autora, Thomasine Gyllembourg, era mãe de Ludvig Heiberg, a personalidade mais proeminente nos círculos culturais de Copenhague e um dos poucos verdadeiros hegelianos capaz de agregar muitas pessoas à sua volta. Deste círculo fez parte também Kierkegaard na juventude. Kierkegaard enviou a crítica positiva que havia feito a Thomasine ao filho dela, mas acrescentou, em sua obra "*Epílogo não Científico*", uma crítica aguda a Hegel.

É possível neste livro entender Kierkegaard como um crítico conservador e até reacionário em relação à sua época, ao seu "tempo", e esta crítica é até hoje aplaudida e revivida por seus epígonos quando alertam para os perigos da "época" e da "democracia": as tendências "niveladoras" do tempo levam ao vazio, à falta de atitude, à superficialidade, ao convencionalismo, à falta de sinceridade e de engajamento, o que Kierkegaard também chama de "falta de espiritualidade". Kierkegaard menciona, ainda, a inveja, a tagarelice, a falta de forma, a superficialidade, a bajulação e o anonimato como as formas de expressão concretas da época do nivelamento e, portanto, da era da reflexão. (SV 14, 89ff.) Kierkegaard viu-se cercado por trivialidade e mediocridade e chegou a chamar a Dinamarca de "o país encantado da mediocridade", o popular se dissolve, "o público não é um povo" (SV 14, 85). Aqui se deve também lembrar que este depoimento foi uma extensão da disputa com a revista "Corsaren". Vista sob esta perspectiva, a análise de Kierkegaard lembra muito as análises dos hegelianos de direita, como, por exemplo, Heiberg e Martensen, que também ressaltavam o narcisismo e o isolamento

do homem moderno na era da reflexão. (v. Nordentoft: "*Hvad siger brandmajoren*" (*O que diz o bombeiro?*"), p. 38ff.).

Obviamente há algo mais profundo, na análise de Kierkegaard da contemporaneidade, do que simples reflexões moralizantes, nas quais o autor sempre se coloca de fora, esquecendo que ele também é produto da época. Por estas razões Kierkegaard, embora mantendo com os hegelianos semelhanças na análise da contemporaneidade, rejeita suas tentativas restauradoras e direitistas, porque a crise para ele não é "somente um problema filosófico, teológico e moral, mas também um problema psicológico e sociológico". (Nordentoft p. 41).<sup>3</sup> Seria fútil querer lutar contra as tendências de dissolução da época e lutar contra o nivelamento e a reflexão, desejando voltar no tempo. Kierkegaard afirma retratar a abstração do nivelamento, a perda de autoridade e a perda de realidade como fatores de época pelos quais o indivíduo não é responsável. "A triste abstração do nivelamento" (SV 14, 99) é algo que nos mantém sob seu poder.

Por isto Kierkegaard afirma não condenar, mas apenas descrever a contemporaneidade (SV 14, 100), o que não deve ser confundido com uma espécie de empirismo, pois, de fato, expressa muitos juízos de valor. A interpretação que Kierkegaard faz da abstração e do nivelamento da contemporaneidade aponta para algo ambivalente, uma condição que possui tanto aspectos destrutivos quanto aspectos positivos. Veja-se, por exemplo, sua análise da noção de "angústia".

Kierkegaard não se compreende como um juiz fora da história avaliando qual a melhor época, ele analisa a era da reflexão tanto em seus perigos quanto em suas possibilidades, como as condições sob as quais vivemos. Resumindo a sua tese: em nossa época a abstração é necessária para se chegar à verdadeira concretização - "E é isto a Diferença absoluta entre o Moderno e a Antigüidade; O Total não é a Concretização, que apóia e cria o Indivíduo, embora sem desenvolvê-lo completamente, mas é, ao contrário, uma Abstração, cuja Igualdade abstrata o ajuda, de modo repulsivo, a se formar inteiramente - se ele não perecer no processo" (SV 14, 85). A abstração é tão necessária quanto a indignação (81). O poder dissolvente da reflexão precisa ser vivido, para ser superado, pois é através do isolamento do individualismo que se chega a uma nova comunidade.

## 6. PARA A INTERPRETAÇÃO DE "UMA RECENSÃO LITERÁRIA"

Este pequeno livro não é contado entre as obras principais de Kierkegaard e, pela mesma razão, só esporadicamente é tratado na literatura sobre o autor. Ressalto principalmente o livro de Kr. Nordentoft: "*Hvad siger Brandmajoren*", p. 25-26, que apresenta a interpretação mais profunda desta obra, além de

3. Cf. Primeiro parágrafo do item 6 deste trabalho.

Bruce Kirmmse: "*Kierkegaards Denmark*", p. 266-280, e do livro de W. Anz: "*Kierkegaard und der deutsche Idealismus*", p. 36ff., que inclui uma recensão literária na análise da relação entre Kierkegaard e o idealismo alemão. Citamos ainda Merete Jorgensen: "*Kierkegaard som Kritiker*", Soren Gorm Hansen: "*H.C. Andersen og Soren Kierkegaard i Dannelseskulturen*", que trabalha com os aspectos literários da obra; Elisabeth Hude: "*Thomasine Gyllembourg og Hverdagshistorierne*" e finalmente Klaus P. Mortensen: "*Thomasines opgor*" que só trata de Kierkegaard periféricamente.

A tese de W. Anz é que Kierkegaard concorda com Hegel no diagnóstico da época como "Era de Reflexão", mas aponta outras conseqüências e não vê a história como "*die äussere Gestalt des absoluten Geistes*" ("A forma externa do espírito absoluto), mas uma "*undurchschaubare anonyme Macht*" ("Potência anônima e opaca), que ameaça a nossa liberdade (p.38f).

Nordentoft considera o livro de Kierkegaard como uma "crítica social" e tenta liberar o filósofo das acusações de "reacionarismo", mostrando paralelos entre seu pensamento e a análise que Marx faz da sociedade, porque "tanto para Marx quanto para Kierkegaard significa que algo inumano - princípios abstratos, mercadorias, dinheiro, métodos de produção- se apoderam do homem."(p. 51) O que Kierkegaard descreve como a "abstração do nivelamento" é equiparável à "alienação" de Marx. A diferença está na cura: o progresso é para Marx "comunitário e inevitável", para Kierkegaard, "individual e potencial".

Neste contexto é significativo que a recensão de Kierkegaard, tal como o romance discutido, não seja pessimista, embora Anz ache que sim, mas irradie uma harmonia fundamental, que acaba em fé confiante e quase otimista no futuro. "Continuamente deve ser lembrado que a reflexão em si não é algo negativo, mas que a sua *reelaboração*, ao contrário, é a condição para intensificar a ação." Depois do tempo do *entusiasmo* e da *sabedoria* vem um tempo que, de modo harmonioso, reconcilia os dois anteriores no "*entusiasmo superior e mais intenso*", "o entusiasmo do eterno." (SV 14, 100f.)

O ideal, o alvo, é "o equilíbrio harmonioso" romântico (Biedermeier) entre paixão e sabedoria que Kierkegaard, sem ironia, expõe como o objetivo final. Há características "biedermeieranas" na obra de Kierkegaard - "É na sala de estar que a luta deve ser levada" - que dificilmente podemos eliminar alegando que são irônicas, há uma sensação básica de harmonia resignada. O concreto é o mundo vital cotidiano. O que interessa a Kierkegaard não são as grandes idéias, as visões e os sistemas, mas os seus "reflexos no doméstico" (SV 14, 88). Nesta interioridade doméstica desperta-se a sensibilidade para com o psicológico, o que caracteriza exatamente o romance de Thomasine Gyllembourg.

Isto dito, é também importante observar que Kierkegaard na sua análise não critica a época revolucionária e o seu entusiasmo. Ao contrário, ela é valorizada, como por Th. Gyllembourg, de maneira bastante positiva, enquanto

ele critica a burguesia do tempo Biedermeier. Aqui ele não encontra o ar purificador da rebelião com o qual simpatizava tanto, mas apenas o ar abafado da inveja. Não é, portanto, nem o socialismo nem os ideais de igualdade da sociedade burguesa que são criticados por Kierkegaard, mas o seu princípio unificador: *a inveja* (SV 14, 75-77).

Um outro aspecto, que é particularmente tratado por Kirmmse, é a posição importante de "*Uma Recensão Literária*" na obra de Kierkegaard. É a primeira obra escrita depois de "*Postácio*", publicada por Kierkegaard em seu próprio nome, e é uma obra que, de certa maneira, retoma temas das primeiras obras: "*Dos papéis de um sobrevivente*", "*A Noção de (Livs-anskuelse) Conceito da Vida*" e, sobretudo, "*A Noção de Ironia*" com a sua crítica do romantismo. É obvio que o período romântico revolucionário é interpretado de modo muito mais positivo aqui do que em "*A Noção de Ironia*", Kierkegaard agora não vê a ironia romântica apenas como frivolidade libertária, mas como expressão de paixão e entusiasmo. O tema fundamental já não é a suposta amoralidade do romantismo, mas a sua relação com a realidade. Aqui, mais do que nas obras de inspiração hegeliana da juventude, aparece o *realismo* de P.M. Moller e de Sibbern.